



□ ENSINO DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CURRÍCULO ESCOLAR
BRASILEIRO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Renata Beatriz Brandespin Rolon¹

Resumo: As pesquisas sobre as literaturas africanas de língua portuguesa abordam a linguagem tecida pelos fios da imaginação de autores que, no plano ficcional, discutem e reescrevem a história de seu país. Nesse contexto, ao promover o contato com autores africanos de expressão portuguesa, a escola media e estabelece diálogos entre literatura brasileira e outras literaturas, entre culturas, promovendo a quebra de preconceitos e paradigmas. Na leitura desses autores, tem-se então uma literatura que transcende fronteiras geográficas e linguísticas.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa, escola, leitura, literatura infanto-juvenil.

Abstract: The research on African literature in Portuguese language deals with language through the imaginations of authors who, in the fictional plan, discuss and rewrite the history of their country. In this context, to promote contact with Portuguese-speaking African authors, the school mediates and establishes a dialogue between Brazilian literature and other literatures, cultures, promoting breaking down prejudices and paradigms. In reading these authors there is then a literature that transcends geographical and linguistic boundaries.

Keywords: African Literature in Portuguese language, school, reading, children's literature.

Promulgada no dia 9 de janeiro de 2003, a Lei nº 10.639 torna obrigatório o ensino da história e cultura africana nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio. O segundo parágrafo da lei citada diz que "os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileiras serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira".

Após a obrigatoriedade da lei, o quadro que se coloca é o de resistência por parte dos professores em trabalhar tais conteúdos. Muitos profissionais sentem dificuldade em abordar os temas relacionados à história e à literatura africana, alegam a falta de uma formação adequada a respeito de como introduzir esses conteúdos e apontam também a falta de capacitação e material didático específico.

1. Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professora substituta de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM).

O mercado editorial brasileiro, mesmo ciente da importância da lei para estimular crianças e jovens a conhecer a matriz africana de nossa cultura, possui um número muito restrito de publicações voltadas à obra ficcional de autores africanos de língua portuguesa. As grandes redes de livrarias dispõem de poucos títulos, em algumas redes os títulos disponíveis são encomendados de Portugal e, além do alto valor do frete, a entrega demora vários dias. Quanto à disponibilidade de material didático também há poucos títulos, entre estes citamos o livro de William R. Cereja e Thereza C. Magalhães, intitulado *Português: Linguagens*, vol.1, 2005. No livro encontram-se fragmentos textuais de obras de escritores africanos, bem como o contexto histórico está preenchido de elementos da africanidade presentes na história brasileira. Da obra do poeta moçambicano José Craveirinha, os autores citam o poema “Grito negro”:

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.
Eu sou carvão
e tenho que arder sim;
queimar tudo com a força da minha combustão.
Eu sou carvão;
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão,
até não ser mais a tua mina, patrão.
Eu sou carvão.
Tenho que arder
Queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!
Eu sou o teu carvão, patrão.

Em meio a todo esse processo o que se verifica e o que não se pode esquecer é o fato de que a cultura brasileira está estreitamente ligada à cultura africana. Por tudo isso, a obrigatoriedade do ensino nos leva à inserção das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Ensino Superior. Nessa perspectiva, os estudos envolvendo a temática em questão ganham força nas pesquisas de Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdala Junior, Tania Macedo, Rita Chaves, Laura Padilha, Simone Caputo, Maria Zilda da Cunha e de tantos outros pesquisadores das mais importantes instituições brasileiras. São pesquisas que confirmam o fato de que Brasil e África “são territórios marcados por uma profunda e complexa tensão entre elementos genuínos e elementos impostos pela colonização” (CUNHA, 2009, p. 86).

Algumas pesquisas sobre as literaturas africanas abordam a linguagem tecida pelos fios da imaginação de autores que, no plano ficcional, discutem e reescrevem a história do

seu país. Há nessas literaturas uma (re) configuração dos espaços. Nesses, evidenciam-se os encontros e as diferenças que marcam a identidade dos povos africanos. Percebe-se, então, que o discurso literário, em todas as circunstâncias, serve como aliado na luta que se trava dentro e fora da linguagem. Os confrontos, travados na linguagem, buscam uma expressão própria. O engajamento visível na literatura dos sujeitos desses processos históricos na luta pela libertação colonial se consolida em caminhos que se abrem para um futuro que projeta um novo homem e uma nova nação.

A leitura literária na sala de aula: por que ler literatura africana?

A formação do sujeito leitor é a preocupação de todas as instâncias educacionais. No entanto, a tarefa de formar leitores é árdua. Para se promover o hábito da leitura, em especial da leitura literária, é necessário que a escola tenha e coloque uma diversidade de textos à disposição do aluno, pois assim poderá ampliar seu repertório cultural. Cabe à escola tomar a si o papel de espaço privilegiado para a formação de leitores e a literatura é o meio para que essa formação se concretize.

Em face do exposto, é válido afirmar que o trabalho com a literatura deve começar já nas séries iniciais, pois se desde cedo o aluno for incentivado a ler, este adquirirá o hábito e aprenderá a gostar de textos literários, uma vez que a leitura adquirida, sobretudo a não obrigatória, dá prazer e incentiva a autoestima.

Candido (1995) nos lembra que a literatura é um direito de todo ser humano. Para ele os direitos humanos referem-se às coisas que são tão indispensáveis para nós quanto para o próximo. Considera ainda que a literatura seja fator indispensável de humanização, por isso acrescenta:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós uma quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Nesse contexto, ao promover o contato com autores africanos de expressão portuguesa, a escola irá mediar e estabelecer os diálogos entre a literatura brasileira e outras literaturas, outras culturas, promovendo a quebra de preconceitos e paradigmas. Na leitura desses autores, tem-se então uma literatura que transcende fronteiras geográficas e linguísticas. Evidenciam-se raízes similares e marcas identitárias. Nessa perspectiva percebem-se os enlaçamentos entre Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde e outros países que sofreram semelhante processo de construção.

Rita Chaves (1999) chama a atenção para o fato de que a temática da prosa regio-

nalista dos anos 30, representada por Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós e Jose Lins do Rego, possibilitou o diálogo entre o continente Brasileiro e Africano. Para a pesquisadora, a denúncia das desigualdades sociais, as ideias que circulavam entre os autores modernistas brasileiros, interferiram sistematicamente no projeto de literatura dinamizado pelos nacionalistas africanos. “A denúncia das desigualdades sociais que caracteriza o repertório brasileiro funcionou como espécie de senha para que recaísse sobre eles a preferência não só dos moçambicanos, mas também dos angolanos e caboverdianos”, conclui Rita Chaves (1999, p. 157).

Desse modo, ratifica-se a justificativa para a presença de autores africanos no *currículo* escolar brasileiro. Há nessas literaturas certa realidade, tem-se um documento lúdico e crítico, sobretudo original. Os textos conciliam imaginação e vivência, aproximam o leitor, acionam sua fantasia e ao mesmo tempo o faz refletir sobre o seu cotidiano. Desse modo, na leitura da literatura africana, verifica-se que o texto ficcional se materializa mediante imagens que representam traços da realidade e da imaginação dos povos colonizados. Pode-se afirmar que nessa literatura ressoam as aspirações das jovens nações, as quais percebem seu cenário sendo modificado, do ponto de vista macro, gradativamente. Em face disso, as personagens que habitam esse universo da ficção sofrem transformações e enfrentam dificuldades causadas pelo descompasso de um projeto de nacionalidade. Confirmando essas observações Abdala Junior afirma:

A identidade cultural dos países colonizados mostra-se por uma luta que não se esgota na independência política. É uma conquista contínua de uma autodeterminação a efetivar-se dentro das condições de subdesenvolvimento e de necessidade de modernização. No quadro da literatura, a afirmação do caráter nacional de cada um dos países de língua oficial portuguesa inscreve-se por um dominante social: as formas culturais são objeto de apropriação através da série ideológica manifestada nos setores mais dinâmicos das sociedades respectivas (2007, p. 51).

No âmbito dessas discussões, a leitura da literatura endereçada a crianças e jovens se torna um ponto de reflexão dentro nos nossos estudos. Os leitores que se aventurarem pelas sendas da literatura sentirão esse efeito dúbio. Ela, a literatura infanto-juvenil, aciona a fantasia do leitor, colocando “frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção produz uma modalidade de reconhecimento de quem lê” (ZILBERMAN, 2008, p. 15).

No cenário da literatura contemporânea africana de expressão portuguesa, verifica-se que as obras trazem inscritas as manifestações culturais dos povos oriundas dos conflitos de guerra e das mudanças geradas após a independência, com isso a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação. Por intermédio da leitura das obras de José Craveirinha, Mia Couto, Pepetela, Ondjaki, Octaviano Correia,

Dario de Melo, Luandino Vieira, e de tantos outros autores, tem-se a possibilidade infinita de interpretação.

“O ensino da literatura, de qualquer nacionalidade, não é elitista, mas democratizante”, revela Moisés (2006, p.28). Como um instrumento de conhecimento e de autoconhecimento a ficção “liberta o leitor do seu contexto estreito desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor de transformação histórica”, conclui a crítica (2006, p.29). Por tudo isso é que o trabalho com as literaturas africanas no ensino básico e médio deve ser promovido. O contato do leitor com obras que integram o universo textual e extratextual suscita a tolerância e a autonomia do indivíduo, contribuindo para a sua responsabilidade enquanto ser social.

A literatura infantil-juvenil angolana: autores e obras representativas

A literatura foi introduzida na escola desde o começo da história dessa instituição. No contexto escolar a literatura se associa à leitura, por isso essa atividade pode ser vista como um processo cognitivo. Ocorre que o leitor aprende a decifrar os textos, aceitá-los ou recusá-los, pois num exercício contínuo o leitor verifica de qual lugar ideológico o texto fala. Além de todo esse processo, o leitor se emociona, reconhece-se e se afasta do texto. Nesse caminhar mesclam-se sentimento e razão e “abrem-se horizontes lógicos éticos e estéticos”, compreende Cunha (2009, p. 99).

Nesse prisma, conhecer a literatura infantil-juvenil angolana torna-se uma experiência singular. No universo ficcional de autores como Octaviano Correia, Ondjaki e Dario de Melo, tecem-se discursos de cunho político e libertário. Os escritores citados lidam de várias formas com a realidade que os cercam. Por vezes suas obras podem se encaixar na categoria de literatura engajada, mas não há traço ou discurso que tire a qualidade estética.

É importante mencionar o fato de que a independência de Angola, em 10 de novembro de 1975, modificou todo o panorama literário. Com a proclamação da União dos Escritores Angolanos, começaram a aparecer obras que haviam sido escritas nas prisões portuguesas e no exílio. Nessas obras era ressaltado o espírito de liberdade e o de busca de uma identidade solapada pelo colonizador. Inicia-se um processo que tem na literatura um lugar para interrogar o passado visando à construção do presente.

Dentre esse processo de surgimento ou re-surgimento da literatura angolana, tem-se em *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, um precursor da moderna literatura infantil-juvenil de Angola. O texto de Pepetela, escrito e publicado em cópias mimeografadas, no ano de 1973, “nasceu como uma espécie de texto paradidático, porque era dirigido a jovens e adultos recém-alfabetizados em português nas bases do MPLA” (MACEDO, 2007, p. 154).

O personagem dessa narrativa é um órfão de treze anos, que teve seus pais assassinados pelos colonialistas. Depois disso, torna-se um viajante em busca de autoconhecimento, da aprendizagem e, nesse sentido, busca atingir a maturidade. As experiências vividas pelo viajante promoverão a tomada de consciência de que necessita para sobreviver em um universo no qual não há separação entre heróis e vilões, entre adultos e crianças.

Igualmente merecem registro a narrativa “A caixa” (1977), de Manuel Rui, primeiro livro infanto-juvenil publicado no país independente, bem como o livro *E nas florestas os bichos falaram*, de Maria Eugênia Neto, também de 1977. “A Caixa” conta a história de Kito, uma criança que foge da guerra da Quibala, localidade do Kuanza-Sul, após a perda do pai. Órfão, Kito se refugia em Luanda com a mãe, indo viver numa zona suburbana.

No contexto da literatura infantil-juvenil angolana, ressaltam-se livros como *Estórias velhas, roupa nova*, (contos) (1988) de Gabriela Antunes; do escritor Dario de Melo, duas obras publicadas no mesmo ano: *Queres ouvir?* e *Vou contar* (1988) e *Quitubo, a terra do arco-íris* (1990).

Com relação aos traços que marcam essas narrativas, vemos que elas mesclam as tradições das estórias africanas com as das infantis ocidentais. No que diz respeito aos temas, abordam tradições culturais angolanas e as rudezas dos conflitos dos tempos de guerra e do pós-guerra. No que refere aos contos, focalizam personagens infantis e suas brincadeiras estando envolvidos aos problemas da jovem nação. No caso específico da estória escrita por Maria Eugênia, utilizando a estrutura fabular, cita os feitos e fatos da guerrilha angolana, conforme observa Macedo (2007, p.155). No que tange ao conto *Quitubo, a terra do arco-íris*, de Dario de Melo, uma criança no quadro de um conflito é revelada. A narrativa se baseia em uma lenda: crianças órfãs que conseguirem descobrir o princípio do arco-íris encontrarão novos pais.

Outra obra significativa é *O país das mil cores* (1980), de Octaviano Correia. A narrativa em questão promove uma aproximação com o leitor e o chama a participar de um universo múltiplo e colorido. Nela há um apelo. O narrador quer um leitor que possa ver, ouvir e sentir para, somente depois, agir. Ele deixa subentendido que é por intermédio da ação do leitor que aquele país deixará de ser transparente:

E O PAÍS DAS MIL CORES TORNOU-SE TRANSPARENTE.
 Só os homens tinham cores
 E as cores dos homens questionavam entre si.
 E a voz dos patrões da guerra e da morte
 ordenava que as cores lutassem entre si
 E AS CORES DOS HOMENS FORAM AJUDANDO A COMER A JUSTIÇA
 E A ALEGRIA
 E POR FIM COMERAM TAMBÉM A PAZ.

Nesse contexto histórico e cultural, a expressão literária ganha significação. Um dos aspectos formais que chama atenção diz respeito ao fato da narrativa poética de Octaviano Correia ser formada por letras maiúsculas e minúsculas. São utilizadas letras de formas variadas, as quais se encontram dispostas em diferentes posições. O resultado dessa formatação se aproxima de uma poesia visual, que promove um jogo semântico entre texto e imagem.

Mesmo diante dessa tessitura poética, que entrelaça letras e imagens, a narrativa verbal continua abordando questões caras à nação recém- independente. É nesse ambiente que surgem os responsáveis pelo conflito na narrativa. Tratam-se dos patrões da guerra que devoram as cores de todas as coisas, que devoram a justiça e a paz, que transformam o colorido em um lugar transparente:

E AS CASAS ERAM TRANSPARENTES
AS ÁRVORES ERAM TRANSPARENTES
OS BICHOS ERAM TRANSPARENTES
AS MONTANHAS ERAM TRANSPARENTES

No trilhar do caminho dos habitantes do país de mil cores os significados apontam para a luta de libertação. As relações entre as diferentes raças, os dominantes e os dominados, tensionam os fatos, contudo, tenta-se superar um passado de racismo e opressão. O passado de violência racial entre colonos brancos, negros e mestiços é lembrado para fazer (res) surgir o sentimento de igualdade e união. No percurso da obra o leitor enxerga um horizonte de perspectivas múltiplas para a permanência e consolidação do povo africano em seu espaço.

A literatura infantil juvenil de Octaviano Correia, carregada de mágoas e utopias, traduz as relações de poder e de busca dos personagens sujeitos da história. Contudo, é preciso esclarecer que não se trata de obra do tipo realista que desnuda a problemática da questão racial. A aparente descrição tensa dos fatos não retira do livro a magia e o encantamento elocutório traduzido em palavras e imagens.

Quanto à análise da literatura de Ondjaki, é possível depreendermos, de seu projeto estético, elementos importantes que reafirmam a identidade do povo angolano. Nota-se, na obra do autor, um enfoque evidente ao universo dos contos populares africanos de maneira que as raízes culturais da tradição oral são revisitadas com o intuito de contribuir para a construção de um universo poético erigido por símbolos e palavras.

Em *Ynari a menina das cinco tranças* (2000), Ondjaki projeta novos olhares sobre o homem e o lugar. O autor tece uma narrativa sutil e direta, afirmando a importância das descobertas infantis e do trato com a linguagem. Na tentativa de se promover o diálogo, a personagem vive situações que a colocam diante dos problemas sociais vividos pelo povo angolano.

Contamos, aqui, de forma resumida: o livro conta a estória de uma menina que nasceu com cinco tranças. Ao longo da narrativa o leitor fica sabendo da função das tranças de Ynari: trabalhar pela paz nas aldeias em guerra. A menina encontra um homem pequenino que a ajudará a percorrer cinco aldeias. Nessa jornada carregada de magia, ela tenta mudar as aldeias por onde passa. Munida de muita sabedoria, tem nas palavras a arma que irá solucionar os problemas. Ensinando os significados das palavras **permuta, ouvir, falar, ver, cheirar, sabor e paz**, Ynari consegue modificar o cotidiano dos habitantes do lugar. Para finalizar o seu ofício, consegue destruir a palavra **guerra**.

O autor utiliza-se do recurso metalinguístico para lembrar as cicatrizes deixadas na guerra civil que avassalou Angola. A narrativa traz todo o poder e força que há na palavra. O encontro da personagem com o homem que cria palavras e com o que as destrói, traduz a metalinguagem que caracteriza essa estória endereçada a crianças. Ynari esclarece:

- Sempre gostei muito das palavras, mesmo daquelas que ainda não conheço, sabes? Existem palavras que estão no nosso coração e que ainda não estiveram na nossa boca.

Como num jogo de ideias e descobertas de significados, o recurso metalinguístico prepara o leitor para o mundo ficcional. No mundo da palavra, a reflexão sobre a origem e o emprego dos vocábulos possibilita uma constante interação com o leitor. Desse modo, a criança e o jovem possuem papel ativo que condiciona um contínuo preenchimento de lacunas que aparecerão dentro do texto. Nesse processo, toda a estória gira em torno de valores relativos e infinitos da palavra. Utilizando-se quase sempre de diálogos diretos, a estória de Ynari ensina que a língua é um instrumento vivo, que se transforma e renasce a cada dia.

Ondjaki conta uma estória que relembra as cicatrizes deixadas na guerra civil que avassalou Angola. Seu texto está pautado na repetição de sufixos de diminutivo e advérbios de intensidade, no entanto esse fato não empobrece o texto a ponto de torná-lo piegas. Tem-se, nesse cenário o retrato de uma nação que protelou seu nascimento com a guerra e na atualidade vive o sonho da paz na coletividade da trama. Segundo Cunha (2009, p. 89) “somos chamados a olhar o fenômeno literário ainda em sua intrínseca e inseparável relação com a cultura, com a história e a evolução social e humana”.

A leitura das obras dos autores em questão tece relações entre culturas orais africanas e a história de conflitos sociais vividos pela nação angolana. Animado pela afetividade da figura infantil, presente em cada uma das narrativas, e pela magia que permeia o universo literário desses escritores, o leitor adquire consciência de que Octaviano Correia e Ondjaki se empenham na busca de uma genuína expressão literária e que os traços estilísticos dessas poéticas propiciam um diálogo efetivo entre o real e o imaginário do povo angolano.

No espaço privilegiado da ficção há lugar para a denúncia. Todavia, é na esfera literária que os conflitos internos e externos se evidenciam como autênticas balizas que separam o universo do verossímil poético ao não-poético. Por mais acostumado à sofreguidão, um povo não deve ser privado de possuir uma literatura. Sob o prisma mágico das palavras, as obras devem ressoar as aspirações de uma sociedade recém-independente. Nesse sentido, através da literatura, os autores encantam e sensibilizam o leitor. A organização narrativa procura transformar o que parecia ser intransformável e, na busca dessa tentativa, despertar o melhor da condição humana. É por tudo isso que o trabalho com literatura pode entrar na rotina dos alunos das escolas brasileiras por meio de diferentes portas. A reflexão e a análise da literatura oferecida às crianças e aos jovens podem sugerir a interdisciplinaridade com a história, com a geografia, com a filosofia etc., consumando-se, assim, como instrumento de deleite e aprendizagem.

É por tudo isso que as crianças e jovens, potenciais leitores da literatura infanto-juvenil, merecem conhecer essa nova realidade. Na verdade, todos os leitores, independentemente das suas idades, precisam se abrir para novas experiências estéticas.

Referências

ABDALA Jr., Benjamin. **Literatura, História e Política** – literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.

CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. **Português: Linguagens**. Vol.1. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CUNHA, Maria Zilda da. **Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Humanitas; Paulinas, 2009.

Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

MACEDO, Tânia e CHAVES, Rita. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas - Angola**. São Paulo: Arte e Ciência, 2007. (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa). Organizadoras: Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Fleury.

MOISÉS, Leyla Perrone. "Literatura para todos". **Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada**. USP/FFLCH/DTLLC, anua, n.9, p.16-29, 2006.

ZILBERMAN, Regina. "O papel da literatura na escola". In.: **Via Atlântica**. Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. José Nicolau Gregorin Filho e Maria Zilda da Cunha (Org.). FFLCH-USP: São Paulo, n.14, 2008, p. 11-22.

Literatura ficcional

CORREIA, Octaviano. **O país das mil cores**. Il António P. Domingues. Lisboa: Sá da Costa Editora; Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980.

ONDJAKI. **Ynari: a menina das cinco tranças**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1980.